



# EU E NÃO OUTRA

a vida intensa de HILDA HILST

LAURA FOLGUEIRA E LUISA DESTRI

TORBSILHAS

EU E NÃO OUTRA







EU E NÃO OUTRA  
a vida intensa de HILDA HILST

LAURA FOLGUEIRA E LUISA DESTRI





"Porque não há tempo, você sabe, nós pensamos que o tempo é generoso mas nunca existe muito tempo para quem tem uma tarefa."

*(Fluxo-Floema, Hilda Hilst)*



Hilda Hilst se perguntava o tempo todo. Como várias das estranhas figuras que passeiam pelos seus livros, ela era movida principalmente por interrogações. “Como queres que eu não pergunte se tudo se faz pergunta?”, coloca uma de suas personagens, ecoando uma questão que, de certo modo, resume tanto a sua literatura quanto a sua biografia.

Desde pequena, ela se destacou pela capacidade de questionar. No Colégio Santa Marcelina, em São Paulo, onde estudou a partir dos 7 anos, sempre tinha perguntas a fazer – até mesmo quando a professora colocava problemas comuns de aula de matemática:

— Tenho três galinhas. Uma, enquanto eu estava caminhando, se perdeu. A outra morreu. Quantas galinhas sobraram?

A garota era a primeira a rebater:

— Mas por que a galinha morreu? E a outra? Como é que alguém pode perder uma galinha? Quem estava tomando conta dela não sabe dar explicações?





Na rotina da escola católica, ambiente recriado muitas vezes em seus escritos, nem as orações se salvavam das dúvidas. “Virgem santíssima, Virgem antes do parto, Virgem no parto, Virgem depois do parto”, rezavam as meninas, conduzidas pelas irmãs. A pequena Hilda perguntava:

— O que isso quer dizer? O que é virgem? O que é parto?

— Isso é para decorar — respondiam as irmãs.

Suas perguntas eram recebidas como uma afronta à religiosidade. Com seu desejo precoce e irrefreável de a tudo conhecer, Hilda desafiava o que por vezes se entende como a verdadeira fé – acreditar sem compreender. Sua heterodoxia, porém, não podia ser tomada como heresia, embora seja verdade que mesmo sua relação com Deus fosse muito especial e reinventada – em seus livros, ele recebe nomes tão surpreendentes como Tríplice Acrobata, Lúteo Rajado, Grande Incorruptível, Sorvete Almiscarado... Assim como recriava sua ideia de Deus, a escritora associava a capacidade de questionamento a uma espécie de misticismo: “Todo ser que se pergunta em profundidade passa a ser religioso”, acreditava.

A relação incomum que Hilda mantinha com a religião ressurge na foto da página ao lado, da década de 1960, quando mudou para a Casa do Sol, em que está vestida de freira. Sobre a blusa castanha, leva um crucifixo. Na cabeça, um lenço branco serve de véu.



Posa para um registro feito, provavelmente, pouco tempo depois da mudança para a propriedade em Campinas, no interior de São Paulo, onde viveria até sua morte, em fevereiro de 2004.

É fácil acreditar na verdade dessa imagem. A casa foi desenhada pela escritora com inspiração na arquitetura de mosteiros carmelitas – ordem religiosa que tem no hábito marrom a sua vestimenta característica. Na expressão de Hilda, não há qualquer traço de jocosidade. Embora ainda jovem, ela já não encarna a mulher atraente de vinte e poucos anos das fotos mais antigas, da década de 1950, em que aparece quase sempre lânguida, com cabelos loiros bem penteados e roupas elegantes.

Em certo sentido, ao vestir-se de freira e posar em frente à casa que construíra em lugar isolado, Hilda anuncia uma conversão. Ela se retira da badalada vida na capital paulista, com suas viagens, festas, jantares e, sobretudo, seus amores – a jovem poeta teve casos ou se relacionou com muitos homens da alta sociedade paulistana, nos anos 1950. No interior, a escritora “puxa os cabelos para trás” e “começa a usar batas e a se enfeiar”. Na Casa do Sol, inicia seu sacerdócio: uma vida inteiramente dedicada à criação de sua literatura.

Mas poucas vezes esse ministério se tornou de fato reclusão. Hilda viveu rodeada de amigos, recebeu figuras como Caio Fernando Abreu, teve intensos relacionamentos amorosos e experimentou formas inusitadas de tentar o contato com o outro. Ela nunca poderia ter sido santa. Gostava demais dos prazeres terrenos, e sua grande preocupação era a obra que deixaria. Sabia que era grande, embora não tenha tido tempo de ver o importante lugar que passaria a ocupar no cânone da produção literária brasileira. Construindo a si mesma à imagem de sua obra, ela se tornaria, também, uma figura emblemática, espécie de retrato da escritora excêntrica.

A partir de sua conversão, a “aflição de ser eu e não ser outra”, descrita em poema em 1959, deixou de perturbá-la: com

sua capacidade de pensar com liberdade e antecedência, sabia que toda a sua vida – desde a infância em Jaú e Santos – seria uma caminhada em direção ao lugar onde queria e deveria estar.

Hilda Hilst nunca teve medo de admitir o que achava do trabalho ao qual dedicou toda uma vida: “Eu me acho uma escritora maravilhosa. Uma prosadora, poeta e dramaturga de primeira qualidade. Eu gosto de saber que me propus e fiz esta tarefa na Terra”.









1 O CASAMENTO IMORAL 18

2 INICIAÇÃO 36

5 THE MEN I LOVE 96

6 KAFKA, VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO? 112

9 *POTLATCH* 158

10 TER SIDO 172

POSFÁCIO 207

3 UM AMADO SENHOR 58

4 TRANSMUTAÇÃO 70

7 A OBSCENA SENHORA HILST 126

8 ESTAR SENDO 138

BIBLIOGRAFIA 215

CRÉDITO DAS IMAGENS 226





1

# O CASAMENTO IMORAL



Aos 32 anos, o fazendeiro paulista Apolônio conheceu, no Rio de Janeiro, Bedecilda Vaz Cardoso, uma das raras mulheres emancipadas daquele tempo, que acabava de chegar a Jaú acompanhada de seu filho, Ruy, e separada de seu primeiro marido. Não se sabe ao certo a data em que Bedecilda e Apolônio, apaixonados, decidiram ser uma família – nunca chegaram a se casar legalmente. Casar-se duas vezes era algo pouco comum naquele começo de século, especialmente em uma cidade do interior de São Paulo, como Jaú.

Era o ano de 1928, e ela vinha de Barbacena, no interior de Minas Gerais, onde havia sido casada com Franklin Cardoso, pai de Ruy. O casal teve também outras duas filhas: Clarinha e Emília, que morreram ainda pequenas. Não se sabe o motivo da separação. Quando saiu da cidade, Bedecilda mudou-se para Jaú. Na cidade dos cafeicultores, estabeleceu-se, com seu novo companheiro, em uma casa à rua Saldanha Marinho. Os parentes de Apolônio moravam todos por ali; era uma região da cidade conhecida por abrigar os Hilst. Foi nesse local que, às 23h45 do dia 21 de abril de 1930, nasceu Hilda Hilst, a única filha do

casal. A reação de Apolônio, ao saber que era uma menina, foi responder: “Que azar!”.

Não se sabe a idade da mãe quando Hilda nasceu. Bedecilda possuía muitas certidões diferentes e até mesmo contraditórias – é certo apenas que nasceu na cidade do Porto, em Portugal, e instalou-se em Barra Mansa, Rio de Janeiro, quando chegou ao Brasil (segundo outra certidão, falsa, local de seu nascimento). Madame Cardoso, como era chamada, fazia questão de esconder sua verdadeira idade. Não a revelava nem mesmo para a família. De acordo com outra das muitas certidões, teria nascido em 1918 – apenas dois anos antes de seu filho Ruy. Foi, certamente, uma manobra da vaidade de Bedecilda.

No começo do século XX, os 15 mil habitantes que andavam pelas ruas de paralelepípedo de Jaú eram, em sua maioria, agricultores. Em fazendas nos arredores da cidade, criavam bovinos, suínos e ovelhas. Cultivavam milho, mandioca, algodão, cana-de-açúcar e, principalmente, café, cultura iniciada por volta de 1860 e transformada rapidamente na mais importante da região. Um desses fazendeiros era Apolônio, filho de Eduardo Hilst e Maria do Carmo Ferraz de Almeida Prado, nascido em 1897.

Os Almeida Prado, a mais tradicional família de Jaú, dominavam política e financeiramente a cidade desde sua fundação, em 1889. A família Hilst não tinha o mesmo prestígio. O pai de Apolônio, Eduardo, era um imigrante de Lille, cidade francesa na região da Alsácia-Lorena, próxima à fronteira alemã. Eduardo veio sozinho para o Brasil, na segunda metade do século XIX, e, em Jaú, casou-se com Maria do Carmo. Depois de estabelecidos, os Hilst fizeram o mesmo que quase todos os outros moradores

da cidade: tornaram-se fazendeiros. Em 1925, a família comprou duas fazendas, pagando por elas 900 contos de réis: Olhos D'Água e São Sebastião, localizadas na área rural de Itapuí, então chamada Bica da Pedra, cidade vizinha a Jaú.

Na Olhos D'Água, uma área de 350 alqueires à beira do rio Tietê, Apolônio e outros oito membros da família Almeida Prado Hilst chegaram a cultivar em torno de 300 mil pés de café. Juridicamente, todos os donos da fazenda passaram a constituir a Sociedade Civil e Agrícola Irmãos Hilst. Com a crise de 1929 e a desvalorização da saca de café, que passara de 200 mil réis a 5 mil, a fortuna da família se fragmentou. Apolônio, principal gestor das fazendas, foi quem mais sofreu prejuízo. A Olhos D'Água foi a única propriedade que se manteve nas mãos da família Hilst.

Na década de 1920, a cidade onde Apolônio crescera ainda era um pequeno povoado. Mas os interesses do agricultor estavam além das fronteiras do lugar – seus olhos buscavam o fervor cultural existente a 296 quilômetros dali, na capital paulista.

Interessado no movimento modernista, começou a escrever cartas, sob o pseudônimo de Luís Bruma, para o *Correio Paulistano*, onde trabalhava Menotti Del Picchia. Os textos discutiam a arte e suas formas, seu descontentamento com a situação da poesia de então e sua euforia com os novos caminhos literários brasileiros, principalmente o modernismo e o futurismo.

A maioria das cartas, endereçadas aos responsáveis pela Semana de Arte Moderna – Oswald de Andrade, Menotti, Mario de Andrade –, ficou sem resposta. Apenas Mario dedicou-se, por vezes, a responder, em tom amigável, para Apolônio. Em uma das cartas, o autor relata seus problemas de saúde e chama seu interlocutor de “amigo Luís Bruma”, tentando responder aos questionamentos de Apolônio: “Anuncia-me você uns problemas estéticos que o torturam. Gosto de problemas dessa ordem. Discutamo-los. Desta troca de fôrças [sic] e perguntas só teremos o benefício de adquirir maior musculatura”.

Uma das cartas de Apolônio, escrita para Oswald, rasgava-se em elogios à revista *Klaxon*, símbolo do movimento modernista que, em Jaú, provavelmente só Apolônio conhecia – e assinava. O fazendeiro chegou até a publicar artigos sobre poesia e futurismo, sua corrente estética preferida, no *Commercio de Jahu*.

Mesmo sem grande reconhecimento dos representantes do movimento a que voluntariamente aderira, Apolônio continuou escrevendo ensaios, poesias e até romances, certo de que sua produção se equiparava à de seus admirados. Em uma de suas cartas, compara-se com Monteiro Lobato, declarando-se descontente com o autor e dizendo ter vontade de largar tudo – a fazenda, Jaú, a família – e tomar seu lugar. No entanto, como explicaria mais tarde, não o fez. Mario de Andrade, “tão bom quanto” ele próprio, Apolônio, já havia se tornado o expoente do movimento.

Após o casamento, Apolônio se mostraria um homem fora do padrão em situações corriqueiras. Todas as noites, em pé sobre a mesa de madeira da sala, ele lia *O Estado de S. Paulo* – em vez de comprar um abajur, aproximava o jornal do lustre, acreditando ser a forma mais confortável para sua leitura.

A menina Hilda conviveria pouco com o pai. Dois anos após seu nascimento, com o fim do relacionamento entre o casal, Bedecilda se mudaria, com a filha caçula e Ruy, para Santos. Em um dos ensaios de Apolônio, é possível buscar uma hipótese teórica que explique o rompimento: “O casamento é uma imoralidade. Não é seu maior mal. Porque é também uma vaudevillesca grosseria. Faz do que temos de mais sagrado, o amor, uma coisa legal, isto é, pública e indecente”.